



ETNOGRAFIA SOBRE A CONSTRUÇÃO DA PESSOA NUM TERREIRO DE UMBANDA: *VOCÊ SABE QUEM SOU EU, VOCÊ SABE QUEM SOU EU*¹?

OLIVEIRA, Bianca Ferreira¹

Instituto de Sociologia e Política – ISP/UFPEl
Rua Alberto Rosa, 154 – CEP 96010-770. isp@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca relacionar as dimensões afetivo/sexual e religiosa na experiência de vida de *peças de religião* umbandista. Interroga-se a respeito do entendimento destes sujeitos sobre a orientação da religião nas experiências afetivo/sexuais dos médiuns. Em que medida a relação entre tais dimensões da vida nos remete a acordos e desacordos entre os médiuns e as entidades que recebem? Qual a importância da família de religião? Estabelecer a relação entre tais dimensões, entre o profano e o sagrado da vida. Qual a concepção de pessoa destes sujeitos?

A investigação foi impulsionada por uma percepção sobre as constantes relações estabelecidas entre as duas dimensões em análise, presentes, por exemplo, na fala da médium Jussara “*eu sabia que não ia durar muito meu namoro com o Fulano, a Dara (entidade a qual essa médium trabalha na linha de cigano) já tinha dito que não gostava dele e que não ia deixar eu ficar com ele por que ele é muito pobre*”. Com uma postura desse tipo percebida pelos membros da corrente, surgiu o questionamento de que talvez exista uma oposição conflituosa entre a esfera particular e a religiosa, ou também não necessariamente haja esse conflito. As fronteiras dessas dimensões são fluidas e não exatamente bem delimitadas

Assim busca-se entender de qual forma a religião contribui para a construção da pessoa, isto é, como a *pessoa de religião* orienta seu comportamento, no caso de sua vida afetivo/sexual, mediada pela experiência com o sagrado, considerando sua convivência na família de religião.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O grupo investigado compreende uma terreira de umbanda, religião afro-brasileira, localizada na cidade de Pelotas/RS. A investigação foi desenvolvida com aqueles sujeitos que fazem parte da corrente, o que quer dizer que se trata de iniciados e participam dos rituais nesse terreiro, deixando de fora aqueles que freqüentam os cultos como espectadores.

As religiões afro-brasileiras compreendem uma categoria de religiões iniciáticas onde não basta apenas a adesão, mas é necessário passar por rituais de iniciação. Esses rituais são realizados por toda a vida religiosa da pessoa e estabelecem o grau de

¹ Fragmento de um ponto cantando para pomba-gira Maria Padilha.

hierarquia que esta ocupa dentro do terreiro, da mesma forma que a vinculam à família de religião. Pois aquelas pessoas que se iniciam num terreiro são recebidas por um pai ou mãe de religião e todas as outras que são filhos daquele pai ou mãe são irmãos de religião.

Para alcançar os objetivos pretendidos com o trabalho a metodologia empregada foi a observação participante. O trabalho de campo foi realizado em duas partes, a primeira parte foi realizada no segundo semestre de 2007 com visitas espaçadas onde se deram as primeiras negociações a respeito da realização do estudo no terreiro. A segunda parte começou em maio de 2008 quando as visitas foram realizadas com bastante frequência até janeiro de 2009, com a sistematização das observações em um diário de campo. As visitas foram feitas durante os trabalhos abertos ao público nos sábados a noite, e durante a semana, principalmente nas sextas-feiras que é o dia em que os filhos da casa se encontram no terreiro para prepará-lo para o sábado. A coleta de dados além das observações se deu através de entrevistas, conversas informais e coleta de informações pessoais, disponíveis em espaço público virtual, em sites de relacionamento mantidos pelos sujeitos assim como o registro fotográfico.

Quanto a relação entre pesquisadora e pesquisados afirma Geertz que é preciso que o pesquisador realize o esforço de objetivar, e para isso deve deixar claro no seu texto, as relações de proximidade entre pesquisador e sujeitos pesquisados (GEERTZ, 1978). As negociações para a realização da pesquisa aconteceram de forma extremamente tranquila, não havendo em nenhum momento objeções por parte da mãe do terreiro.

Nesse sentido é indispensável a discussão a respeito da metodologia de pesquisa empregada nas ciências sociais. Essa questão é levantada por Birmam onde questiona a relação que grande parte dos cientistas sociais estabelece com a noção de possessão, onde ela traz que existe uma diferença entre o que é “real” para os médiuns e o que é “real” para os pesquisadores. De acordo com Birmam

Contudo, nos casos dos cultos de possessão, há uma evidente discordância entre o que os pesquisadores e os religiosos consideram parte integrante do ‘real’ que os primeiros analisam. A presença de entidades ‘na Terra’ é ‘real’ para os religiosos e irreal para os pesquisadores. (Birmam, 2005 p.2)

Nesse sentido Geertz também traz a importância do pesquisador compreender o simbolismo da religião como tal ao invés de tentar buscar lógicas próprias alheias aos *nativos*, para as experiências em religiões afro-brasileiras.

É necessário realizar um esforço para interpretar as lógicas das pessoas, as quais estuda-se, como dotadas de experiências ‘reais’. Todavia por mais fora dos padrões de vivência que possa parecer a possessão aos olhos do pesquisador, não se pode julgar como uma experiência não ‘real’. Goldmam traz que devemos tomar a experiência como verdade, trazendo a discussão do ser afetado, tratando sobre isso a partir de uma experiência que o autor teve traz o que Gow diz a respeito

Porque eles obviamente ouvem essas coisas. Mas eles simplesmente aceitam que esse é um aspecto do mundo, e não se preocupam com isso. Todavia, continua sendo impressionante e o mistério não é resolvido por essa explicação. O que devemos repensar radicalmente todo o problema da crença, ou ao menos deixar de dizer preguiçosamente que ‘os fulanos crêem que os mortos tocam tambores’ ou que ‘os beltranos acreditam que os espíritos do rio tocam flautas’. Eles não ‘acreditam’: é verdade! É um saber sobre o mundo (Gow, 1998)

Não se pretende com isso dizer que os pesquisadores devem se iniciarem nas religiões para que possam melhor compreendê-las, mas que devem tomar as experiências vividas pelas pessoas estudadas como ‘reais’ e não como crenças. Ultrapassando assim um limite imposto pela descrença.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fica assim latente a necessidade da discussão a respeito da noção de pessoa contida nas religiões afro-brasileiras. Buscou-se em Mauss que desenvolve de maneira detalhada como a noção de pessoa assim como se reconhece hoje na sociedade moderna-ocidental, foi construída no decorrer da história.

De acordo com Mauss (1929) “[...] formas que esse conceito revestiu na vida dos homens em sociedade, segundo seus direitos, suas religiões, seus costumes, suas estruturas sociais e suas mentalidades” traz uma discussão a respeito da noção do “eu” como sendo uma categoria do espírito humano e assim sendo construído a partir de seu meio social.

Bastide discuti nas religiões de matriz africana, onde a pessoa está relacionada à ligação que a mesma estabelece com a divindade, no caso Orixá, em que o poder faz parte fundamental desse debate, tendo em vista que quanto maior o grau de hierarquia que se ocupa maiores são as responsabilidades com a religião, isso significa maior dedicação para a família de santo. Essa limitação, na vida individual da *pessoa de religião*, imposta pelas responsabilidades com a *família de religião* implica numa condição de existência mais próxima da divindade.

Para trabalhar as relações entre vida individual e religiosa nas religiões afro-brasileiras Dos Anjos se utiliza da encruzilhada para explicar que nas religiões afro-brasileiras uma dimensão não se sobrepõe a outra e sim se cruzam. No sentido de que constantemente as duas dimensões se entrecruzam no cotidiano do fiel. Pode-se observar isso no caso da médium Marta que resolveu se iniciar no terreiro depois de se apaixonar por uma das entidades do cacique².

De acordo com Dos Anjos a encruzilhada pode ter significado ambíguo, assim como a representação de bem e mal pelos exus, da mesma forma que a formação do eu não é algo pronto e acabado e com fronteiras definidas entre o mundo espiritual e sua individualidade.

Se o cruzeiro é um ponto ambíguo na religiosidade afro-brasileira é certamente porque ali tanto pode ser começo, a abertura de um fluxo, como o fim de um território existencial. [...] O próprio bem e mal se cruzam na figura dos exus. O Exu não é nem bem, nem mal, mas tanto uma como outra coisa. [...] Nesse processo o *eu* torna-se residual, se desterritorializa [...]. (DOS ANJOS, 1993 p. 47, 50, 51)

O processo de construção do *eu* ocorre de forma permanente através de uma negociação constante entre fiéis e entidades, onde não existem fronteiras, bem definidas, entre pessoa e entidade. A relação entre o que está dentro e fora do corpo, em que momento está dentro ou fora e o que é ou não a pessoa é uma relação subjetiva que se materializa no momento da possessão.

As negociações entre médiuns, Orixás e entidades compõem a própria pessoa, onde por mais que possamos observar no discurso, até certo ponto, a separação entre os aspectos afetivo/sexuais e a religião, na prática isso não acontece. Tendo em vista que a umbanda é uma religião, assim como as outras religiões afro-brasileiras, vivida

² Cacique: ocupa o segundo lugar mais alto na hierarquia do terreiro, no caso específico investigado.

cotidianamente, cada ação de um filho de religião deve ser pensada também com base na própria religiosidade.

4. CONCLUSÕES

Nesse sentido percebe-se que as pessoas entendem suas experiências afetivo/sexuais como resultado entre suas ações e as ações dos espíritos, os quais lidam na umbanda. E que a negociação entre individualidade, entidade e família de religião faz parte da própria pessoa.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTIDE, Roger. Estudos Afro-brasileiros. In _____ **Uma lavagem de contas**. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- BIRMAM, Patrícia. Transas e transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros um sobrevôo. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, v.13, n.2, 2005.
- DOS ANJOS, José Carlos Gomes. **O território da linha cruzada rua Mirim versus Nilo Peçanha –porto Alegre**. 1993. 193f.(mestrado em antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- GOLDMAM, Márcio. Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política. In _____ Os Tambores dos Mortos e os Tambores dos Vivos. Rio de Janeiro: Sete letras, 2006. p. 13 – 21.
- MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Ed. EDUSP, 1974.